

A Sinagoga Ortodoxa

Novo espaço de sociabilidade para jovens judeus não-religiosos

Este artigo trata da construção da identidade judaica por parte de um grupo de jovens judeus cariocas de classe média. A partir da entrada na faculdade, a falta de opções não-religiosas para o exercício da 'judeidade' leva muitos deles a freqüentarem uma sinagoga ortodoxa, apesar de não serem religiosos. Tenta-se analisar o porquê deste fenômeno se, aparentemente, a ortodoxia desafia seu estilo de vida moderno.

Palavras-chave: identidade judaica, religião, modernidade, tradição.



The article deals with the construction of jewish identity by a group of young middle-class carioca jews. The lack of non-religious alternatives for expressing their 'jewishness' in the university milieu induces many of them to frequent an orthodox synagogue. The article analyzes the reasons for this apparently paradoxical phenomenon since, at first sight, religious orthodoxy might be seen to challenge their otherwise modern life style.

Keywords: jewish identity, religion, modernity, tradition.

Que leva jovens não-religiosos a freqüentar uma sinagoga que simboliza o que há de mais tradicional na religião judaica? Essa pergunta surgiu durante meu trabalho de campo para o mestrado, quando me interessava analisar os processos utilizados por um grupo de jovens judeus cariocas na elaboração de sua identidade judaica. Levando em conta sua inserção na socie-

dade brasileira e sem a sombra do anti-semitismo, ao menos na forma institucionalizada que caracterizou uma parte da história européia e brasileira anterior, pretendia revelar o significado que esses jovens davam à sua judeidade – o porquê da importância de se afirmarem enquanto parte de uma minoria num país que tem na ideologia assimilacionista a base de suas relações

sociais – e o valor dado à endogamia, historicamente um importante determinante na definição de quem é e quem não é judeu.

Os jovens entrevistados são parte das chamadas camadas médias urbanas, cuja idade varia entre vinte e trinta anos; moradores da zona sul da cidade do Rio de Janeiro; estudaram em escolas judaicas até a faculdade ou pelo menos até a 8ª série do ensino fundamental; socializaram-se em movimentos juvenis sionistas ou não e quase todos já viajaram a Israel num dos programas financiados por instituições judaicas ou com familiares; realizaram os rituais de passagem da religião judaica: o *brit-milá* (circuncisão), o *bar-mitzvá* (maioridade religiosa aos 13 anos) para os rapazes e, muito mais raramente, o *bat-mitzvá* (maioridade religiosa aos 12 anos) para as moças. Não se consideram religiosos, ao contrário, não seguem os preceitos religiosos da alimentação (chamada *kashrut*) e das

rezas diárias, nem fazem o descanso semanal (chamado “guardar o *shabat*”), considerado um dos principais mandamentos de Deus. Todos trabalham ou fazem algum tipo de estágio na área em que pretendem seguir profissionalmente.

Sua vida social tem início numa das escolas judaicas da cidade do Rio de Janeiro. Desde o maternal até o terceiro ano do ensino médio ou, ao menos, o oitavo ano do ensino fundamental, estes jovens criam os primeiros vínculos de amizade com os colegas de turma. Brincam na hora do recreio e estendem a diversão para além do horário escolar.

Nos sábados à tarde freqüentam um dos movimentos juvenis existentes, sionistas ou não, em que, além das atividades voltadas para a conscientização política, passa-se o tempo jogando bola e pintando as paredes da casa ou apenas batendo papo com os amigos. No movimento juvenil, além dos colegas da escola que eventualmente se encontram, brinca-se e diverte-se com aqueles que lá foram apresentados e que não estudam juntos. Já na fase adolescente estes jovens, cujas amizades ultrapassam o espaço da sala de aula, encontram no cinema, no teatro e nos piqueniques nos parques da cidade outras formas de entretenimento. A socialização se restringe, na grande maioria dos casos, à comunidade judaica. Também durante a fase adolescente, e até a entrada na faculdade, viagens a Israel, programadas por instituições judaicas ou pelas próprias famílias, são outra maneira de criar vínculos com o judaísmo e expandir o círculo de amigos.

A entrada na faculdade marca o início de um novo momento nas relações sociais destes jovens. Agora, são partes de um universo completamente distinto da-

quele existente na escola judaica. Em vez do contato mediado pelo sobrenome “típico”, o que impera é a relação impessoal do número de inscrição. É na faculdade, também, que a maioria deles toma consciência de sua condição judaica, surgindo aquilo que Cardoso de Oliveira¹ chamou de “identidade contrastiva”, quando a separação entre o “nós” e o “eles” torna-se evidente. Creio que a entrada na faculdade deve ser lida como o primeiro desafio à manutenção das fronteiras étnicas; é o momento de decidir quem vai ser amigo e quem vai ser apenas colega de turma, cujo contato maior se dá na época de provas e trabalhos pela troca de informações, ajuda nas matérias em que se é deficiente, trabalhos em grupos etc. Aqui, o jovem judeu depara-se com questões do tipo “continuo sendo judeu se tenho amigos não-judeus?”, “devo afirmar minha identidade judaica para meus amigos não-judeus?”, ou ainda “quem são meus amigos verdadeiros?”. Fora isso, há a possibilidade de se sentir atraído por um (a) colega não-judeu, criando um conflito de valores relativos à endogamia, princípio considerado muito importante para a manutenção da identidade judaica nas futuras gerações.

Contudo, tanto para os jovens que construíram bases sólidas de amizade no período escolar e nos movimentos juvenis, quanto para aqueles que se afastaram do convívio comunitário e que desejam manter vínculos, surge um problema

para que se desenvolva a sociabilidade juvenil: a falta de opções. A reclamação mais comum relaciona-se à falta de espaços que possam reunir a juventude judaica carioca no intuito de fortalecer laços de amizade e permitir que moças e rapazes se conheçam para o início de um relacionamento estável, namoro e, quem sabe, casamento. O Clube da Barra, por exemplo, é considerado muito afastado (no final da Barra da Tijuca) e o Hebraica (em Laranjeiras) é classificado como “decadente” e “feio”. É nesse contexto que entendemos o surgimento da sinagoga Beit Lubavitch como espaço de convivência social para a maioria dos entrevistados.

A sinagoga passou a ser um ponto de encontro de amigos. Além disso, jantares japoneses, na moda entre essa parcela das camadas médias, preparados segundo os preceitos religiosos da religião judaica (a chamada *kashrut*), servidos exclusivamente para o público juvenil após a cerimônia do *shabat*, o início do descanso semanal na sexta-feira à noite, servem como chamariz, tendo como objetivo principal a oportunidade de colocar em contato judeus e judias com vistas ao casamento endogâmico.

A pergunta a ser feita é por que exatamente a sinagoga Beit Lubavitch, que segue a ortodoxia, se estes jovens não são religiosos? Alguns pontos devem ser levados em consideração. No que diz respeito à “demanda”, aos jovens, a primeira observação refere-se à falta de al-

ternativas do mundo não-religioso na afirmação desta identidade, incapaz de desenvolver atividades no sentido de estabelecer laços de solidariedade interna, sobretudo a partir da entrada na faculdade; a segunda é que a identidade judaica destes jovens está baseada mais na subjetividade, no “sentir-se judeu”, do que na obediência a um código religioso de conduta; o terceiro ponto é a preponderância da religião na definição de quem é judeu, o que nos ajuda a entender a proximidade deles com a instituição religiosa. Em relação à “oferta”, à sinagoga, observa-se que a ortodoxia parece conferir maior autenticidade ao judaísmo. Nela, os jovens podem sentir-se judeus sem ter que elaborar uma transformação do judaísmo à luz de seu estilo de vida moderno. É, como dito por um de seus rabinos, o judaísmo que existe “há três mil anos”. Um segundo ponto diz respeito ao caráter missionário da seita Habad, da qual a sinagoga Beit Lubavitch faz parte, tendo, por isso, de se adaptar às aspirações de seu público alvo, sua “clientela”.

A religião passa a ser um dos poucos caminhos legítimos no alcance deste sentimento de pertencer ao grupo. A Beit Lubavitch, especificamente, parece expressar, para muitos dos jovens, aquilo que se chama de “judaísmo verdadeiro”, sendo o rabino de chapéu negro e barba seu maior símbolo. Alia-se a esse poder simbólico o fato de a congregação aceitar estes jovens como eles são, ou seja,

jovens judeus e cariocas. O *sushi*, o *top* (peça de roupa sensual, usada pelas moças) e a informalidade do serviço religioso são uma adaptação da tradição religiosa aos tempos modernos.

Meu objetivo aqui é analisar este aparente paradoxo, a frequência de jovens não-religiosos a uma sinagoga que segue uma linha ortodoxa e que, ao menos na teoria, desafiaria o estilo de vida moderno característico dessa parcela da juventude carioca, cuja valorização da liberdade opõe-se às regras de conduta estritamente determinadas para homens e mulheres seguidores da teologia dessa corrente da ortodoxia. Talvez fosse produtivo estabelecer um diálogo entre duas concepções de mundo distintas, como coloca Dumont,² uma individualista, em que é dado ao “indivíduo” o direito de expressar a cada situação uma identidade social, e outra hierárquica, em que sua existência só é possível enquanto membro do grupo. A ida à sinagoga ortodoxa, como veremos, é uma nova forma de expressar sua identidade judaica sem abdicar, contudo, da liberdade de se movimentar pelos diversos domínios da vida social.

A SINAGOGA

A sinagoga é uma das instituições mais importantes da vida comunitária judaica, e sempre foi um espaço de convivência. Lá, amigos se encontravam (e se encontram) para bater papo e fechar negócios no

comércio, discutir o casamento dos filhos e apresentar problemas pessoais para os rabinos. O surgimento da sinagoga confunde-se com a história do povo judeu e suas tragédias.

Conta a tradição religiosa que Moisés, um homem abençoado por Deus, liderou o povo judeu na fuga da escravidão do Egito. Num certo momento da caminhada pelo deserto, Ele entregou as Tábuas da Lei juntamente com uma série de determinações de caráter moral que, juntas, ficaram conhecidas como Fé Mosaica. A caminhada pelo deserto demorou cerca de quarenta anos, “culpa” dos próprios judeus, que se recusaram a lutar contra as outras tribos que, na época, habitavam o que hoje é Israel. Uma outra versão conta que a mentalidade escrava ainda prevalecia entre os Filhos de Israel, e a jornada até a Terra de Israel foi cheia de reclamações e desconfiança por parte do povo, que algumas vezes quis retornar ao Egito e até mesmo chegou a construir um bezerro de ouro para adorar. Ainda assim, o Povo de Israel recebeu e aceitou a Torá no Monte Sinai, com fidelidade e lealdade. A caminhada levou cerca de quarenta anos, até que toda a geração que havia passado pelo Egito fosse substituída por uma geração mais preparada para viver em liberdade, em sua própria terra. Todos os anos a saída do Egito é comemorada com uma festa, Pessach, a Festa da Libertação, a Páscoa judaica, quando os judeus comem o pão ázimo e lêem a

Hagadá, um relato da jornada empreendida pelos antepassados.

Quando, finalmente, o povo entrou na Terra Prometida e expulsou os “intrusos”, instituiu-se a monarquia como forma de governo. O primeiro rei foi Saul, sucedido por David, a quem se deve a consolidação das fronteiras do reino e o estabelecimento de Jerusalém como a sua capital. Após o reinado de David, Salomão assume o trono e constrói o Templo de Jerusalém, importando cedro do Líbano e marfim da África.³ Diz-se que durante seu governo o reino de Israel viveu grande prosperidade econômica, e que ele era um homem muito inteligente e justo.

O Templo antecedeu a sinagoga. Era o edifício central para o culto divino em Israel até o ano 70 d.C., situado no monte Moriah, em Jerusalém, e consistia de um altar para a Arca Sagrada (dentro da qual se colocam as escrituras sagradas), os vasos sagrados e as oferendas, além de um pátio para os fiéis.⁴ Os sacerdotes eram os responsáveis pelos sacrifícios, pela supervisão da “pureza higiênica” e pela passagem da Fé Mosaica ao povo judeu. A hierarquia colocava o sumo sacerdote no topo, auxiliado por outros considerados sábios e mesmo profetas. Devido a conflitos internos, o reino foi dividido em dois, o de Judá, ao sul, e o de Israel, ao norte, e, cercados pelas grandes potências da época, logo sucumbiram ao seu poderio econômico-militar. Foi no domínio babilônio, inicia-

do no ano 597 a.C, marcado pelo exílio do povo judeu, que aconteceu a destruição do Templo erigido nos tempos de Salomão. No ano de 536 a.C, Ciro, rei da Pérsia, que sucedeu os babilônios, permitiu que o Templo fosse novamente construído e consagrado, mas tempos depois, quando os romanos conquistaram o território, encabeçados por Antíoco, o Segundo Templo foi semidestruído sobrando apenas um muro que circundava o edifício (o Muro das Lamentações). Apesar de alguns grupos de guerrilhas judaicas, cujo mais conhecido foi o dos macabeus, tentarem impedir a helenização forçada do povo, pouco depois todas as rebeliões foram sufocadas. Jerusalém foi destruída e a fase diaspórica teve início por volta do século I a.C. Também nessa época, a sinagoga ganha grande importância para a vida religiosa e espiritual dos judeus.

A sinagoga pode ser definida como o espaço para orações públicas dos judeus, onde se reza, estuda e participa-se de reuniões sociais. Há indícios de que ela existe desde o exílio da Babilônia, quando o Templo deixou de ser o local para o culto a Deus. Nela, no entanto, não se realizam sacrifícios animais, apenas “espirituais”, por meio da elevação das almas nas orações. Em cada uma delas, há um Armário Sagrado onde estão guardados alguns rolos da Torá, o Pentateuco. A autoridade religiosa responsável pelo serviço religioso é o rabino que, em hebraico, significa “meu

mestre”. O rabino era um erudito da lei, uma espécie de professor autorizado pelo Sinédrio, o conselho de 71 eruditos que funcionava como supremo tribunal e desaparecido por volta do século IV d.C. Ao longo da história judaica, homens de grande sabedoria e líderes espirituais foram chamados de rabinos. Nos tempos modernos, ele serve à congregação da qual faz parte, realizando os sermões e discursos nas cerimônias, como veremos adiante.

A maior ou menor notoriedade e legitimidade de cada rabino depende do poder simbólico exercido pela corrente da qual participa. Quanto mais influente ela é na determinação do que é a religião judaica e, mais ainda, do que é a identidade judaica, na medida em que, para os religiosos e mesmo para muitos destes jovens, o judaísmo está bem próximo de uma definição religiosa, maiores as chances de a sua sinagoga receber grande quantidade de fiéis nas cerimônias mais cotidianas, como o *shabat*. A frequência da maioria dos entrevistados a uma sinagoga cuja corrente é ortodoxa, apesar de não-religiosos, revela um dos paradoxos da constituição desta judeidade juvenil.

Diferentemente do que coloca Lewin,⁵ a sinagoga passa a ser um novo espaço de sociabilidade judaica, atraindo, não apenas nas festividades mais tradicionais, tanto jovens religiosos quanto não-religiosos. A análise da preferência desta ou daquela sinagoga está diretamente rela-

cionada ao modo como encaram seu pertencimento à etnia judaica, o que esperam de cada uma das correntes religiosas para o preenchimento do “sentir-se judeu”.

AS CORRENTES RELIGIOSAS

Embora correndo o risco de empobrecer a riqueza das idéias e valores, é possível dividir a religião judaica em três grandes correntes de pensamento.

A primeira é a reformista. O judaísmo reformista, surgido na Alemanha, como consequência das modificações ocorridas no modo de conceber a religião judaica, está diretamente relacionado com o desenvolvimento da racionalidade e da secularização da sociedade, ou seja, o Iluminismo. A Alemanha foi o berço da *Haskalá*, o Iluminismo judaico, e a religião vislumbrada pelos judeus alemães era parte constituinte do processo de modernização da sociedade. Seu objetivo era adequar o discurso religioso aos valores universalistas que passaram a vigorar na Europa Ocidental. A tradição foi englobada pela modernidade. O impacto da cultura ocidental sobre o serviço religioso se expressa, por exemplo, pelo fim de certos “orientalismos”, como o canto nasalado e a falta de decoro, além do uso da língua vernacular durante a reza, a abolição da circuncisão, do *shabat* (o descanso semanal) e da reza em hebraico.

Transportado para os Estados Unidos em

meados do século XVIII, o reformismo declinou. O declínio se deveu sobretudo à não-adaptação dos imigrantes da Europa Oriental, escorados pela tradição rabinica, aos ideais iluministas trazidos pelos judeus alemães. Foi esse vácuo que criou as condições necessárias para o surgimento de um judaísmo tipicamente norte-americano, o judaísmo conservador, que depois se espalhou por outros cantos do mundo. O conservadorismo faz a ligação entre uma base social de imigrantes que vêm com uma formação religiosa e a sociedade norte-americana liberal e moderna. Essa corrente acreditava que era preciso aliar a razão, base do reformismo, e a tradição, escorada pelo ritual. Ela fortalecia a religião utilizando argumentos modernos, históricos. Enquanto o reformista queria se incorporar à modernidade, o conservador queria incorporar a modernidade ao judaísmo, o primeiro enfatizando o caráter moderno do judaísmo e o segundo o caráter judaico da modernidade. A ética, por exemplo, enquanto uma série de valores universais, chega, para o conservador, através da religião judaica.

No extremo oposto dessas duas correntes que dialogavam com a modernidade surgiu, em meados do século XVIII, provavelmente na Ucrânia, um movimento que pretendia acabar com as influências iluministas naquela parte da Europa. Este movimento foi chamado de “chassidismo” (em hebraico, “devoção”)

e se propunha a defender as estruturas tradicionais da comunidade judaica. Enfatizava-se a alegria e a emoção na aliança com Deus, valores bem aceitos por uma população, no geral, miserável e privada de educação formal. As diversas seitas que compunham a corrente lutavam pela expansão de sua influência, mas o fracasso se devia ao caráter local e particularista da maioria. Uma delas, entretanto, chamada Habad, sobreviveu.

Como todo grupo fundamentalista, o Habad, fundado na cidade de Lubavitch (Rússia), em 1813, acredita ter a chave para o entendimento das coisas “como elas são” e não como elas “aparentam ser”. Além disso, os seguidores acreditam na vinda do Messias e, diferentemente do que propunham os fundadores do “chassidismo”, dão grande importância à leitura dos textos sagrados (a Torá). A missão dos estudantes das *ieshivot* (plural de *ieshivá*, escolas talmúdicas) da seita era difundir aquilo que chamavam de “sementes divinas” do “chassidismo”, quer dizer, os ensinamentos dos sábios, seguindo três princípios: o presente antecipa a vinda do Messias; ele virá com a dispersão das sementes divinas e esta é a função tanto dos rabinos quanto dos discípulos, os “soldados”. A seita Habad foi a responsável pela introdução da noção de “missão” judaica através da dispersão das sementes divinas para a vinda do Messias. O movimento se expandiu, assim, para além das fronteiras da

comunidade, estando presente hoje nos quatro cantos do planeta, seja no Brasil, Austrália, África do Sul ou EUA. O uso intercambiável dos termos Lubavitch e Habad para falar do movimento revela a tensão entre o particular e o universal.

A SINAGOGA BEIT LUBAVITCH

A diversidade interna à religião judaica se espalhou. No Rio de Janeiro, por exemplo, há representantes das três correntes antes descritas. Tomando as sinagogas citadas nas entrevistas, temos a da ARI (Associação Religiosa Israelita), localizada no bairro de Botafogo, representando o judaísmo reformista; a CJB (Congregação Judaica do Brasil), na Barra da Tijuca, representando o judaísmo conservador; a Beit Lubavitch, no Leblon, representando o judaísmo ortodoxo.

Muitos dos jovens entrevistados frequentam a Beit Lubavitch, da corrente ortodoxa Habad. À primeira vista é um paradoxo jovens não-religiosos, que não cumprem os preceitos da religião judaica e, por isso mesmo, retardam a vinda do Messias, frequentarem uma congregação cujos seguidores modelam sua visão de mundo e seu comportamento social exatamente nas idéias de “missão” e “redenção”. É na relação entre o mundo chassídico, ortodoxo, e o mundo não-religioso, entre tradição e modernidade, e na compreensão do que é a identidade judaica hoje para estes jovens que entendemos o aparente paradoxo. Na ver-

dade, descobre-se que os ortodoxos utilizam as lacunas deixadas tanto pela sociedade moderna ocidental, representada pelo crescente individualismo, quanto pela própria comunidade judaica, incapaz de fornecer alternativas à identidade judaica religiosa, para reforçar a tradição e penetrar nos círculos não-religiosos por intermédio da tecnologia (internet, correio, telefone, fax etc.) fornecida, ironicamente, pela modernidade. Essa dinâmica do movimento, percebida na cerimônia do *shabat*, supre as necessidades de uma certa identidade judaica juvenil atual.

O aparente paradoxo também se explica pelo fato da seita Habad, por ser missionária, ter de, necessariamente, fazer compromissos com a "pureza" da tradição. As estratégias utilizadas pela congregação para atrair o maior número possível de jovens (não só, mas principalmente) tornam menos rígida as barreiras que separam os "de dentro" dos "de fora". O que ocorre é uma troca simbólica: pelo lado dos jovens, reconhecem na sinagoga ortodoxa o "judaísmo autêntico" por meio de uma ligação simbólica com seus ancestrais, um sentido de continuidade com o passado, sem que isso ameace sua integração na vida moderna. A sinagoga pode ser encarada até como mais uma atividade de lazer, um símbolo religioso secularizado. Pelo lado dos rabinos, há a percepção de que os jovens judeus cariocas não querem seguir a teologia tradicional, mas que o sim-

ples fato de comparecerem ao serviço religioso do *shabat* já é um símbolo de pertencimento ao povo judeu. Ambos os lados fazem "concessões" quanto ao modo de encarar o pertencimento ao grupo, nenhum dos dois se coloca além do debate "tradição x modernidade".

A ESCOLHA DA ORTODOXIA

O processo de identificação com o grupo étnico judaico envolve, nos diferentes momentos históricos, uma série de formas culturais características: a literatura, a música folclórica, a culinária, a dança, a religião, a língua. Vimos que a sinagoga sempre foi, em toda a história do povo judeu, um ponto de encontro para o estudo, as orações e bate papo entre amigos. Apesar de não-religiosos, estes jovens judeus cariocas encontraram nela um novo espaço de sociabilidade. Sua trajetória ajuda a explicar o porquê da sua centralidade para o estabelecimento de relações sociais.

Se, até a entrada na faculdade, sua vida social gravitava em torno de instituições judaicas, como a escola judaica e os movimentos juvenis, a partir dali a quantidade de atividades para a faixa etária pós-escola, universitária, diminui consideravelmente. A sinagoga, que nunca deixou de ser um ponto de referência para a identidade judaica, volta a ser uma fonte de sociabilidade e identificação com o judaísmo, para muitos jovens que a freqüentavam apenas nas festas

tradicionais (Rosh Hashaná, Ano Novo e Yom Kipur, Dia do Perdão) e nas cerimônias de *bar-mitzvá*. Ela passa a fornecer o sentido de continuidade com passado, os elementos que permitem estabelecer as fronteiras entre o “nós” e o “eles”.

A importância da religião na definição do judaísmo e do que é ser judeu para eles caminha junto com o caráter subjetivo e sentimental tomado pela idéia de pertencimento ao grupo.⁶ Reunir-se na sinagoga, com outras pessoas iguais a si mesmo, e participar coletivamente nas orações, dá uma sensação de conforto espiritual, mesmo que por uma ou duas horas, de sentir-se “em casa”.⁷ Na “rua”, ao contrário, onde o indivíduo está permanentemente concorrendo pelo progresso material, “passando por cima” dos outros e seu valor é quantificado pelo que tem e não pelo que é, o jovem sente-se desamparado. Na sinagoga, ele encontra uma série de produtos simbólicos, apropriados com a necessidade de momento: respeito, compreensão, solidariedade e um “sentido” para sua vida, além das prédicas da autoridade religiosa da congregação, o rabino.

Eu saio leve da sinagoga, é o único momento da semana que eu me desligo, desligo o celular, desligo mentalmente de tudo, realmente deletei tudo que aconteceu na semana, relaxo totalmente. Se eu não vou, eu sinto falta, acho que a pureza das pessoas que tão lá, pensando no bem naquele momento, ninguém quer o mal de ninguém, nin-

guém tá pensando em trabalho, em dinheiro, com pressa de sair... tá ali pra relaxar, pra mim hoje é fundamental. Eu vou porque eu respeito, acho muito legal, até porque, hoje em dia, é uma maneira de eu me manter ligado à comunidade, ao judaísmo. A única coisa que me liga ao judaísmo, hoje, é a sinagoga (R., estudante de administração).

O pessoal gosta, se sente bem de ouvir o rabino falar, o pessoal reza, todo mundo com o *sidur* (livro de rezas) na mão. O Lubavitch é muito bonito, todo mundo canta junto, o ‘*Shemá Israel*’ (*Escuta, Israel*) é voz forte (D., “promoter”).

Partindo do princípio de que a religião é um “sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas” e que é um fenômeno coletivo, visto que reúne “numa mesma comunidade moral todos aqueles que a ela aderem”,⁸ a escolha da sinagoga (a comunidade moral) será precedida pela definição do que é, para estes jovens, o fenômeno religioso. Para os jovens frequentadores da Beit Lubavitch, a religião mais verdadeira é aquela que dá continuidade às práticas dos antepassados, à tradição, opinião compartilhada pelos rabinos ortodoxos.

Muitos jovens gostam de ir para uma sinagoga tradicional, *muitos jovens não gostam de mudanças*. Mesmo que eles não pratica (sic) mas pode ser que eles sabem que, *se é pra ir, vamos num*

lugar que é a mesma linha há três mil anos. Se pra não ir, tem muitos lugares pra ir. Se pra ir, eu vou num lugar que realmente minha avó, minha bisavó... uma linha tradicional (G., rabino do Lubavitch).

O judaísmo, equivalente à religião, considerado legítimo ou “verdadeiro”, fornece os elementos da tradição a serem utilizados nesta ligação. Em primeiro lugar, o ritual representa aquele judaísmo que era praticado nos pequenos vilarejos da Europa Oriental. O jovem sente-se “em Lodz de 1912”, como dito por uma entrevistada. Em segundo lugar, a forma como é conduzido o ritual é mais ou menos legítimo de acordo com o reconhecimento daquele que o leva adiante. Admite-se que há uma maneira mais ver-

dadeira de se interpretar o texto sagrado, ritualizando-o, a chamada “verdade formular”.⁹ Os rabinos do Lubavitch parecem simbolizar o legítimo representante da religião judaica. São eles que detêm, com suas longas barbas negras, o chapéu negro e as capotas negras de “três mil anos atrás”, a autoridade para definir o que é certo e o que é errado. A existência dessa “verdade formular” confere estabilidade ao ritual, imprescindível na busca do referencial identitário, e é o que leva muitos jovens à sinagoga ouvir o que o rabino tem a dizer. Reconhece-se, na sua figura, a sabedoria e inteligência necessárias para guiar suas vidas do modo menos rígido possível.

A função simbólica da tradição, expressa no ritual, fornece um senso de conti-



Detalhe da sinagoga Beit Lubavitch, no Leblon, Rio de Janeiro.

nuidade, de solidariedade entre a geração passada e a presente. O problema colocado pelo judaísmo conservador, concorrente do ortodoxo no mercado de fiéis, está na sua expressão simbólica, sua eficácia parece estar ligada a uma “economia da mediação”,¹⁰ em que o rabino deve ter barba e vestir o terno negro. O sistema simbólico que organiza a experiência humana, a nível individual, também se faz presente nos rituais públicos, como o *shabat*, organizando a sociedade, em que temos a Beit Lubavitch como símbolo da fronteira entre a religião judaica “verdadeira” e a “desviante”.

Há uma espécie de “complexo rabínico”¹¹ na manutenção desta identidade, possível apenas na relação entre o rabino e o público que comparece ao ritual. O primeiro inicia as canções em hebraico, sendo imediatamente reconhecido como o modo legítimo de agir, então o segundo passa a acompanhá-lo harmonicamente e um sentimento de bem-estar toma conta de todos, porque é um fenômeno coletivo. O compartilhamento cultural, por meio do ritual, induz certas motivações,¹² o tal “sentir-se bem” durante o *shabat*. O caráter subjetivo desse judaísmo juvenil de hoje tem sua maior expressão exatamente na parte musical, em que é mais importante apreciar a melodia e a companhia de dezenas de outras vozes em conjunto do que compreender o que se está dizendo, segundo os entrevistados. A leitura em hebraico e o modo de cantar

de “tempos imemoriais” faz a ligação entre o passado e o presente, ao passo que o português seria a deturpação da “verdadeira” religião.

Há uma diferença na forma de conceber a participação de homens e mulheres na cerimônia, envolvendo, de um lado, a ortodoxia da Beit Lubavitch e, de outro, o caráter mais “liberal” ou “moderno” das sinagogas ARI ou CJB, sobretudo a segunda, personificada na figura do rabino Nilton Bonder. Vale a pena citar o depoimento de um jovem que prefere esta outra sinagoga para efeito de comparação.

A gente vai no Bonder, que não é tão religioso, mas que eu gosto do jeito dele. Posso sentar do lado da minha mãe. (...) Eu gosto do que o rabino fala, todo mundo fala que ele é inteligente e realmente é, fala muito bem. Comecei a ir quando a gente foi fazer a ‘Festa do Sol Nascente’ no Clube da Barra, que a gente foi divulgar no Bonder e eu adorei; na outra sexta-feira eu voltei e, a partir daí (...) (R., estudante de administração).

Além da tomada de decisão mais firmes dos que escolhem uma das três sinagogas, há aqueles que se vêem presos no dilema apresentado no início: modernidade ou tradição? Nesses casos, não há consenso sobre qual judaísmo é o ideal, se o ortodoxo, o conservador ou o liberal. Não se está disposto a abandonar a tradição e sua simbologia, nem a negar que as relações sociais no mundo

moderno se modificaram (a relação homem/mulher, por exemplo). O problema maior parece ser: até onde a tradição pode ser revista, modernizada, reinventada?

Eu acho que a religião é essa religiosa mesmo, eu acho que tem que ser isso mesmo, porque era assim e não tem que mudar. Mas, ao mesmo tempo, se for assim, pode ser que acabe, então teve que ter mudanças porque se fosse só aquilo... De repente eu já taria só com 'goy', não taria nem mais aí se não fosse um Bonder da vida. Acho muito importante todos eles que trazem a comunidade, então o que o Bonder faz é judaísmo só que eu não faço nada. Nem o que o Bonder faz eu faço, eu só vou lá e falo 'amém'. O Lubavitch seria mais parecido com o que era antigamente (B., estudante de medicina).

A Beit Lubavitch não é a única representante da corrente ortodoxa no Rio de Janeiro nem a mais antiga, porém há certas diferenças que a colocam como a preferida. Em primeiro lugar, o fato de ser localizada num ponto de fácil acesso, visto que muitos moram no próprio bairro do Leblon ou em áreas limítrofes, junta o útil ao agradável, pela praticidade e rapidez de se chegar ao local e pela possibilidade de sentirem-se num ambiente amigo.

Sexta-feira ainda não é exatamente noite. De sete às oito, você se sente bem no lugar, é até um ponto de encontro

de jovens da comunidade, que você não perde nada, *é só uma hora*. O Lubavitch por ser mais perto de casa, por não precisar pegar carro, procurar vaga, normalmente sinagoga não tem estacionamento, dá pra ir a pé. Não foi por busca espiritual, não tava sentindo falta de rezar, foi porque inauguraram a sinagoga, eu fiquei curioso de conhecer, a maioria dos meus amigos tava freqüentando, *e eu não via motivo pra, se eu não tava fazendo nada nesse horário, pra eu não ir* (R., estudante de administração).

Em segundo lugar, a reza está em harmonia com o "social", pelo encontro com os amigos, o que muitos jovens admitem quando vão à cerimônia do shabat às sextas-feiras. Seguindo o raciocínio do rabino-chefe da congregação, diria que tanto a parte material quanto a espiritual são satisfeitas quando o jovem, cujo corpo seria dividido nas metades "de cima" (o intelecto) e "de baixo" (instintos), comparece.

Agora, adoro esse negócio... hoje o Beit Lubavitch tem muito jovem e isso é muito bom, faz você ir, é um fato positivo. Por exemplo, antigamente quando eu ia, encontrava duas ou três pessoas e quando não iam era um saco. Quando acabava a reza, eu voltava pra casa. Não que eu não goste... *acho que a reza faz bem pra caramba, você sentar lá, ouvir a reza... eu saio de lá muito feliz. Mas, você sai de lá e acabou? Hoje em dia, no Lubavitch,*

você encontra com todo mundo, isso é legal, combina de sair, sempre tô saindo depois com o pessoal de lá mesmo. É uma parada legal, é um fator a mais, digamos assim (D., estudante de direito).

Em terceiro lugar, o tratamento dispensado pelos rabinos da congregação a to-

dos os jovens, recebendo-os com um sorriso no rosto e desejando-lhes *shabat shalom* (*shabat* em paz), passando calor humano e perguntando como é que vão as coisas, é uma forma sedutora de recrutamento. O cumprimento elimina, ou atenua, a imagem da ortodoxia, em que o rabino deve se portar de maneira sisuda e os freqüentadores devem se concentrar apenas na leitura do *sídur* (livro de rezas) e na união com Deus. Eliminar a tensão, deixá-los à vontade é propaganda positiva da sinagoga. "A equipe dos rabinos daqui são rabinos jovens, simpáticos, procuram falar com o jovem, chegar até o jovem, não esperam o jovem chegar até ele para falar *shabat shalom*" (G., rabino do Lubavitch).

O objetivo é claro: evitar que jovens judeus, de ambos os sexos, assimilem o mundo não-judeu através dos casamentos exogâmicos ou mistos. Para que esse processo seja interrompido, as estratégias utilizadas devem estar de acordo com as necessidades e estilos de vida do público alvo, esta parcela da juventude judaica carioca. Assim, determinados comportamentos exigidos àqueles que seguem a teologia ortodoxa são minimizados quando se trata de não-religiosos. Uma primeira diferença se refere à assiduidade à sinagoga, já que a recepção calorosa a qualquer um deles independe da freqüência, se todas as sextas-feiras ou uma vez ao mês.

Todos são recebidos independente de que família você é, se você tem dinhei-



Fachada da sinagoga Beit Lubavitch.

ro ou não tem dinheiro, se você é religioso ou não-religioso, *se você vai na sinagoga uma vez por ano ou três vezes por ano, ou uma vez a cada dez anos, não faz a mínima diferença (...)*. Uma sinagoga que tá aberta, que tem o interesse de aproximar, que todos possam vir, entender e participar é uma coisa que o Lubavitch tá fazendo no mundo inteiro há 50 anos (C., rabino do Lubavitch).

Uma segunda concessão feita no sentido de aproximá-los da congregação é a permissão para usar vestimentas convencionais, na moda entre esta parcela da juventude carioca que compartilha os mesmos valores de classe média, diferentemente das roupas negras e das longas barbas dos homens ortodoxos, e dos longos vestidos e perucas das mulheres ortodoxas. A filosofia da congregação é a de que as pessoas devem ser aceitas como elas são, independente da corrente de pensamento seguida, contanto que se disponham a comparecer às cerimônias respeitando o modo de agir dos ortodoxos. Tornando mais flexível o “tipo” de judeu que é bem-vindo ao *shabat*, a sinagoga, por intermédio dos seus rabinos, atrai muitos jovens não-religiosos que procuram a religião esporadicamente para afirmar sua identidade judaica. Ambos os lados fazem concessões, tentando tirar o máximo de proveito sem agredir moralmente um ao outro.

Eles são religiosos, são ortodoxos, mas não são aqueles ortodoxos que não

aceita (sic)... pelo contrário, eles chamam quem não é, a maioria que tá lá... são muito poucos. *Eles são abertos para quem não é, eles acham melhor as pessoas irem... tá de carro,¹³ vindo do trabalho, mas vem* (I., estudante de arquitetura).

A sinagoga está aberta para todos, nós estamos interessados que todos os judeus possam vir e participar da sinagoga, independente dele não estar seguindo a mesma linha (...). Eles se sentem num ambiente em que eles podem se sentir à vontade, ninguém força eles a colocar chapéu e barba pra sentar na sinagoga e, dessa forma, se aproximam (C., rabino do Lubavitch).

O “fenômeno Lubavitch” está diretamente ligado ao caráter subjetivo, provisório, e baseado em múltiplos referenciais que esta identidade judaica juvenil revela (sendo mesmo uma de suas consequências). Comparecer ao serviço religioso às sextas-feiras e comer comida *kosher* são práticas inseridas numa programação muito mais ampla, que inclui desde a academia de musculação até a praia. Por alguns momentos, num dia da semana, esse jovem lembra-se que faz parte de uma coletividade particular sem, contudo, atrapalhar as outras atividades que fazem parte de seu cotidiano. Como cada uma das outras atividades, a ida à sinagoga também está condicionada ao tempo gasto, à relação custo-benefício, àquela preocupação de “quanto tempo é necessário para renovar os laços de so-

lidariedade com o meu grupo?”.

De repente, ele (o Lubavitch) chamou um grupo de judeus que tava um pouco afastado, ótimo, é no Leblon, é um pessoal que vai à praia, que sai à noite e vai no Lubavitch. Muitas vezes o que eles tão tentando criar é um grupo e um vínculo, até porque eles sabem que, no Rio de Janeiro, 2% da comunidade judaica, se isso, é ortodoxa. (...) Até porque a juventude é o futuro da comunidade (B., estudante de jornalismo).

O *jewish way of life*, pra mim, é o meu. Às vezes ir à sinagoga, às vezes ou regularmente ir à Hebraica (clube judaico no bairro de Laranjeiras), pensar no futuro próximo com a minha namorada, que eu quero casar com ela, quero ter filhos, quero passar a continuidade, quero fazer trabalho comunitário quando der (M., estudante de jornalismo).

Esse grupo não se encaixa, grosso modo, em nenhuma das três correntes descritas anteriormente, mas realiza uma constante *bricolagem* de elementos próprios de cada uma delas. No caso da Lubavitch, especificamente, os jovens não compartilham a noção de “Redenção messiânica”, característica da ortodoxia, porém também rejeitam qualquer iniciativa de repensar a identidade judaica à luz dos valores modernos universalistas, elaborando um discurso reflexivo e objetivo. O judaísmo desse grupo perdeu sua aura moderna, retornando à situa-

ção pré-moderna em que o discurso era menos baseado numa “razão” universalista do que na subjetividade. A identidade desses jovens necessita de respostas rápidas para seus múltiplos referenciais, para sua necessidade de vínculo a algum grupo, num mundo cada vez mais individualista, fragmentado. O Lubavitch oferece uma solução a todas as questões que os afligem, sem obrigá-los a tornarem-se religiosos, mas com a esperança de que isso venha a acontecer algum dia.

A crise do judaísmo moderno, baseada nas

diferentes estratégias de assimilação desenvolvidas através de justificativas coerentes com as idéias iluministas e suas premissas universais; pela adequação do judaísmo aos diversos movimentos político-ideológicos da modernidade tais como: liberalismo, socialismo e nacionalismo; pela definição plural da identidade judaica; pelo crescente enfraquecimento do judaísmo rabínico; pela tensão entre os pólos tradição/modernidade, etnicidade/cidadania nacional, público/privado, sentimento/razão e pelo caráter autojustificatório associando judaísmo à ética humanitária e à justiça,¹⁴

fortaleceu sua vertente mais subjetivista. A valorização do “emocional” em detrimento do “racional” fortaleceu a religiosidade mais tradicionalista, como o Lubavitch, que enfatiza mais o fato do jovem sentir-se bem durante a cerimô-

nia do que propriamente a aceitação de suas premissas teológicas.

A demanda dessa identidade jovem judaica exige que a satisfação individual, ao ser encaixada na coletividade, seja eficiente sem tornar-se dependente de formas permanentes de identificação, hierárquicas, que tolhem sua liberdade de escolha e o fluxo entre os diversos domínios da vida social. Essa identidade é menos substantiva e mais calcada no simbolismo e no ritual.

Se o judaísmo é identificado com a religião, a sinagoga, que é o espaço onde a crença toma corpo através do ritual, vai funcionar como catalisadora da sensação de pertencimento. É fundamental que a sinagoga faça com que o jovem sintam-se bem durante sua permanência e isso é conseguido, por exemplo, com o conforto das poltronas, pelo sistema de ar-condicionado central, pela moderna arquitetura do edifício, pela simpatia dos rabinos, pelo sentimento de que aquele é o judaísmo “verdadeiro”. O conforto material faz parte, então, das exigências de uma juventude de classe média, que compartilha um certo estilo de vida e uma concepção de mundo, cujo maior exemplo foi uma sexta-feira em que o sistema de refrigeração central da sinagoga quebrou, levando uma enorme quantidade de jovens para o lado de fora. A cerimônia, inclusive, estava ainda na metade.

O judaísmo/religião compatível com seu estilo de vida e fragmentação de identi-

dades deve fornecer inúmeros atributos passíveis de escolha, de acordo com a situação, associando o mundo secular da juventude carioca ao mundo religioso da sinagoga. Talvez as críticas severas dirigidas ao rabino Nilton Bonder, representante da corrente conservadora no Rio de Janeiro, se deva ao fato de a maioria destes jovens não estar disposta a formular, de modo discursivo, sua identidade judaica. Aqueles que aderem a esta outra concepção do judaísmo devem aprofundar-se nas problemáticas levantadas pelas mudanças trazidas pela modernidade, como a permissão às mulheres de “subir à Torá” (fazer a leitura de trechos do Pentateuco). Tendo em vista essa demanda, o Habad conseguiu preencher a lacuna deixada tanto por reformistas quanto por conservadores, estabelecendo um diálogo entre a vida urbana dessa juventude judaica carioca com as carências produzidas por esse mesmo estilo de vida moderno e individualista.



É preciso compreender até que ponto eles estão dispostos a incorporar a tradição a suas vidas, e a partir de que momento ela passa a ser um empecilho ao seu estilo de vida moderno. Chegar na hora que bem entender, vestir-se “à paisana”, sem as exigências impostas aos ortodoxos, e praticar determinações divinas, como comer comida *kosher*,

não são consideradas transgressões imperdoáveis pelos rabinos da Beit Lubavitch. Na verdade, segundo seu ponto de vista, deve-se sempre olhar pelo lado positivo, ilustrado pelas inúmeras fábulas típicas do movimento chassídico, tendo em conta que “o que vale é a intenção”. Além disso, tem-se a esperança de que a percepção de que aquela judaísmo é o verdadeiro possa atrair jovens para as fileiras de seguidores da ideologia fundamentalista messiânica do Habad. Fazer *teshuvá*, ou “retornar” ao judaísmo, via seus ensinamentos, é o objetivo máximo da congregação, mesmo que se chegue nos últimos cinco minutos da cerimônia, já que o processo de Redenção é lento, porém progressivo. Até mesmo a separação dos sexos deixa de ser um empecilho ao jovem, se esse elemento da tradição não estiver em contradição com o que ele espera da sinagoga.

Se, por exemplo, meu pai fosse, eu gostaria de estar junto dele. Só que meu pai não vai, então pra mim não faz diferença porque eu vou com a minha avó. Eu gosto de estar com a pessoa que eu fui. Eu não iria no Lubavitch para ficar sozinha, se for pra sair de casa e chegar vinte, trinta minutos atrasada, eu não vou (S., estudante de desenho industrial).

Por outro lado, a proibição de sentar-se junto com a namorada ou com a mãe pode incomodar de modo tão profundo que a tradição passa a ser rejeitada em

favor de uma corrente que forneça um outro significado legítimo à judeidade. Essa tensão entre a tradição e a modernidade demonstra o valor que a ortodoxia goza neste meio juvenil, que não parece disposto a incorporá-lo nas suas vidas. A sinagoga ortodoxa e seu representante, o rabino de barba e chapéu, são importantes como referência a um passado, que, contudo, não deve ser parte de seu presente, seu cotidiano. Essa identidade juvenil encontra, na sinagoga ortodoxa, um referencial coletivo, um sentimento de pertencimento, de estabilidade. Nela responde-se às perguntas “quem sou eu?”, “de onde venho?”, “para onde vou?”.

Cada sinagoga do Habad está aberta a qualquer judeu que queira envolver-se em trabalhos sociais, seja na preocupação com os problemas individuais de cada freqüentador, e o conseqüente envolvimento na sua resolução, seja no calor humano passado na recepção a cada sexta-feira. Essa economia da troca simbólica está inserida na concepção de “missão” descrita anteriormente; o objetivo é alcançar a Redenção pelo resgate da identidade judaica de cada judeu desgarrado do rebanho. Há duas lógicas agindo ao mesmo tempo, a chamada “compartimentalização”,¹⁵ uma interna e outra externa. A externa envolve o convencimento, numa linguagem condizente com o estilo de vida moderno, de que aquele é o judaísmo a ser seguido e que lhe dará a segurança ontológica



necessária para continuar vivendo em paz; a interna diz que a “missão” é purificar a alma judaica imersa no ambiente não-judaico.

Os rabinos da congregação têm consciência de que a falta de regularidade na freqüência à cerimônia do *shabat* está relacionada ao caráter provisório e à importância dada à parte subjetiva do culto, à representação tida por legítima. Contudo, tentam inculcar a idéia de que é necessário absorver o verdadeiro significado daquilo que está sendo feito naquele momento e de todos os preceitos divinos. Numa das prédicas, um dos rabinos da congregação, logo que se colocou de frente para o público, disse: “enxergar o invisível é alcançar o impossível”. Fez uma crítica àqueles que só vêem a aparência e se esquecem que todo judeu tem uma essência (palavras dele) que lhe diz “você é judeu”. Afirmou, ainda, que o cumprimento de uma *mitzvá* (preceitos divinos), por mais esporádico que seja, deve ser lido pelo lado positivo (como vimos antes, em relação à ideologia do Habad), mas que é de fundamental importância entender o que cada um desses atos significa, em termos religiosos obviamente. É a disponibilidade de cada jovem que irá dizer se a intenção desse rabino, e de todos os outros da congregação, terá uma resposta positiva ou negativa.

Apesar de afirmarem que não modificam

a religião, deixando a cargo dos freqüentadores da cerimônia do *shabat* a escolha do que será incorporado à sua judeidade, a atração exercida pelos rabinos se deve exatamente à adaptação da ortodoxia ao estilo de vida moderno. Não se importar que se chegue à sinagoga de carro ou com calças coladas ao corpo, realçando a sensualidade feminina, por exemplo, faz parte do processo de negociação de identidades, tanto da sinagoga quanto dessa parcela de jovens judeus da zona sul. O direito que é dado a cada um de escolher aquilo que será levado para casa dentre os inúmeros símbolos presentes no ritual é consequência de uma nova forma de afirmar a identidade étnica judaica.

A modernidade trouxe a noção de “indivíduo”, segundo a qual cada ser humano é responsável por seus atos, e seus desejos individuais têm prioridade sobre os desejos da coletividade. O “indivíduo” tem o direito de escolha, tem a liberdade de tomar o caminho que achar melhor para sua vida, seja no lado profissional ou pessoal, na medida em que seu mundo está pautado pelo princípio da igualdade. Contudo, como parte da sociedade, este “indivíduo” sente necessidade de relacionar-se com outros “indivíduos”, criar laços de solidariedade e afetividade, compartilhar valores, experiências e símbolos. Transforma-se numa “pessoa”, um membro do grupo, e se sente bem nele pois tem o suporte emocional dos outros. Integrados na socie-

dade moderna, esses jovens cariocas, individualizados no seu cotidiano, encontram na sinagoga uma contrapartida. Por algum tempo, renovam os laços de pertencimento ao grupo e “recarregam

as baterias” para mais uma semana de estudos e trabalho, até a próxima sexta-feira.

Artigo recebido para publicação em julho de 2003.

N O T A S

1. Roberto Cardoso de Oliveira, Identidade étnica, identificação e manipulação, in *Identidade, etnia e estrutura social*, São Paulo, Pioneira, 1976.
2. Louis Dumont, Introdução, in *Homo hierarchicus*, São Paulo, EDUSP, 1995.
3. Moacyr Scliar, *Judaísmo*, Rio de Janeiro, Ática, 1994.
4. Enciclopédia conhecimento judaico, Rio de Janeiro, Editora Tradição, v.1 e 3, 1967.
5. Helena Lewin, O olhar do jovem sobre sua identidade judaica, in *Judaísmo: memória e identidade*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.
6. Numa pesquisa realizada com alunos do ensino médio do colégio judaico Eliezer Steinberg, no Rio de Janeiro, Grinberg (1997) afirma que, também entre jovens de 15 e 16 anos, a condição judaica passa mais pelo sentimento do que propriamente por uma compreensão “racionalizante” dos rituais, por exemplo. Diz ela: “As pessoas demonstram dar mais importância à identificação emocional, não considerando preponderante o conhecimento acerca da religião ou da história, nem mesmo a observância de práticas religiosas. Ter uma vaga idéia de o que as festas (...) seria o suficiente para *sentir-se judeu*, como disseram muitos”. (grifo meu)
7. Roberto Damatta, *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
8. Émile Durkheim, Definição do fenômeno religioso e da religião, in *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo, Martins Fontes, 1996.
9. Anthony Giddens, A vida em uma sociedade pós-tradicional, in U. Beck; A. Giddens & S. Lash, *Modernização reflexiva*, São Paulo, UNESP, 1997.
10. Mary Douglas, The Irish bog, in *Natural symbols*, Pennsylvania, Pantheon Books, 1970.
11. Claude Lévi-Strauss, O feiticeiro e sua magia, in *Antropologia estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
12. Clifford Geertz, A religião como sistema cultural, in *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, TLC, 1989.
13. Conta a tradição religiosa que durante o período em que os judeus permaneceram no deserto, quarenta anos, foi construído um tabernáculo. Para tal tarefa foram realizados 39 trabalhos, que durante o *shabat*, o descanso semanal, deviam ser abolidos. Um deles é fazer fogo, daí a proibição de andar de carro, pois ao ligar a ignição, faz-se uma faísca. Não há relação com o esforço físico, trabalho braçal.
14. Mônica Grin, Diáspora minimalista: a crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro, in Bila Sorj (org.), *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
15. Menahem Friedman, Habad as messianic fundamentalism: from local particularism to universal jewish mission, in E. Martin Marty & R. Scott Appleby (eds.), *Accounting for fundamentalisms: the fundamentalism project*, Chicago, University of Chicago Press, 1994.